

A FORMIDÁVEL GUERRILHA

(Ten-Cel Neal G. Grinland — publicado em Army, de fevereiro de 1962. Traduzido pelo Cap. Inf OSMAR JOSÉ DE BARROS RIBEIRO)

O exército convencional será tão pouco apropriado para o combate às guerrilhas quanto parece indicar o somatório de opiniões? As unidades de operações especiais, contraguerrilheiros e tropas similares — cuja importância tem sido ressaltada como a última palavra a respeito — serão, realmente, os únicos meios que temos para fazer face àquela ameaça?

Recente relatório, estima que são necessários doze soldados para neutralizar um guerrilheiro. Se os combatentes convencionais são tão ineficazes, devemos concluir que o melhor caminho a seguir será desincorporá-los e substituí-los por guerrilheiros.

Serão as forças convencionais, realmente, tão incapazes de fazer face às guerrilhas ou serão estas algo que amedronta sem razão?

As guerrilhas não são novidade na História militar e têm a seu crédito vários sucessos em épocas diferentes. Contudo, na guerra moderna, seu emprêgo cresceu e tem-lhe sido dada uma importância muito grande desde que Mao, Castro, o Viet Cong e a FLN, sobressaíram no cenário militar.

Atualmente, seu alto conceito não é sem razão: ela foi muito bem sucedida nos Balcãs, na Algéria, no Vietnã, no Laos e em Cuba. Estes sucessos parecem ter alguma ligação com a modernização dos exércitos. A motorização e mecanização das forças terrestres tornaram as guerrilhas mais operantes e bem sucedidas. E, forçoso é reconhecê-lo, os exércitos modernos têm tido considerável dificuldade em combatê-las.

AS FORÇAS ESPECIAIS SÃO DESNECESSÁRIAS

O problema está não nos sucessos das guerrilhas, que são reais e não podem ser depreciados. Supondo que necessitemos de doze — ou mesmo dois — soldados para combater um guerrilheiro, será uma nova forma de unidade militar a única resposta? A circunstância de terem os exércitos modernos encontrado consideráveis dificuldades com os mesmos, dá pouca base ao argumento de que um novo e especial tipo de unidade seja necessário para combatê-los. No passado, nosso exército abandonou determinado tipo de organização divisionária, principalmente porque êle possuía limitada capacidade de manobra, exceto para determinados tipos

de operações. O novo conceito, recentemente adotado, visa a uma organização divisionária flexível, que possa fazer face a diferentes situações. Não deveria este princípio ser aplicado no caso específico do combate aos guerrilheiros?

Para tanto, o primeiro passo constituirá no exame do soldado individualmente, do seu apoio logístico e de suas táticas.

O soldado recebe um treinamento básico intensivo e durante o tempo despendido no mesmo, aprende vários assuntos: armamento, leitura de cartas e fotografias aéreas, vigilância, patrulhamento, primeiros socorros, segurança, camuflagem, organização do terreno e muitos outros. Em seguida, são-lhe ministrados conhecimentos sobre tática das pequenas unidades, os quais serão aplicados, a seguir, nos períodos de manobras. Tudo isto visa a, tão-somente, prepará-lo para um treinamento ainda mais intenso e que durará até o fim do seu tempo de serviço. Cabe aqui uma pergunta: todo o tempo e esforço despendidos nesse treinamento podem ser comparados ao treinamento dos guerrilheiros que, em geral, é limitado ao essencialmente básico da guerra? Se a resposta for afirmativa, fariamos melhor se reformulássemos nossos programas e processos de treinamento.

O SOLDADO E SEUS RECURSOS

Nosso soldado é equipado com as melhores e mais modernas armas existentes; estas, são padronizadas e o homem treinado em sua utilização. Via de regra, o guerrilheiro não é tão afortunado — apesar de, eventualmente, portar boas armas, o normal é que elas sejam de marcas, e modelos e calibres diferentes; por certo, saberá carregá-las e apontá-las porém muito pouco além disso.

No que se refere a meios de comunicações, o soldado possui os melhores e mais portáteis aparelhos disponíveis, em tipos padronizados. Aqui, mais uma vez, é possível que o guerrilheiro não tenha tais recursos e tão pouco, seja bem treinado na utilização daqueles que possui. Na guerra de guerrilhas, as comunicações constituem fator de vital importância e mais uma vez, a vantagem está com as forças regulares.

O soldado é conduzido por um chefe altamente treinado em todas as formas de guerra. Por seu turno, via de regra, o guerrilheiro é conduzido por um político ou outro elemento qualquer, pobremente treinado. Não pairam dúvidas quanto ao fato de que alguns chefes guerrilheiros são bem treinados mas, em compensação, o soldado tem uma liderança superior.

Um outro ponto deve ser considerado: a motivação. Através dela, em última análise, o guerrilheiro obtém, talvez, sua principal vantagem. Normalmente, ele luta por uma causa, por sua pátria, na região onde tem o seu lar. Não lhe importa saber se aquilo pelo que luta é certo

ou errado — ele crê na sua causa — e isto faz dêle um formidável inimigo. O soldado, não é desprovido de motivação mas, lutando em terra estranha, necessariamente, levará alguma desvantagem.

Pelo exposto, pode-se verificar que o soldado, considerado isoladamente, leva uma decisiva vantagem sobre o guerrilheiro nas mesmas condições.

À retaguarda do soldado existe um sistema logístico que, geralmente, o provê do essencial em alimentos, água, munições, roupas e equipamentos. Na verdade, algumas vezes, o maior problema está em decidir daquilo que o mesmo pode prescindir. Transporte e evacuação por via terrestre e aérea não são problemas para ele. Em compensação, o guerrilheiro somente tem o que pode transportar, comprar ou confiscar. Para ele, os suprimentos são de difícil transporte, armazenagem e recomplementamento. Poucas, se houver alguma, guerrilhas podem competir com o apoio logístico do mais austero dos exércitos.

COMO O GUERRILHEIRO ATUA

Se é verdade que o soldado possui enorme supremacia em treinamento, equipamento e apoio logístico, a vantagem da qual disponha o guerrilheiro deve ligar-se, indubitavelmente, à maneira pela qual ele emprega sua força pobremente treinada e suprida. Neste processo de emprego, uma vantagem que milita ao lado do guerrilheiro, é a forma inepta e sem imaginação pela qual é combatido pelo soldado — em outras palavras, a tática empregada.

Ao expor este ponto crucial, talvez seja melhor iniciar, resumindo a doutrina básica geralmente associada às táticas de guerrilhas e expostas por nossos próprios Manuais de Campanha, Mao, Guevara e outros, consubstanciados pelos seguintes princípios básicos:

- as operações devem ser ofensivas por natureza: golpear e retrair de imediato;
- atuar defensivamente, apenas quando escapar é impossível;
- combater em pequenos grupos, particularmente durante os estágios iniciais da campanha;
- quando se obtém êxito e controla-se uma boa extensão territorial, as unidades podem ter seus efetivos aumentados até, eventualmente, o escalão exército;
- a surpresa é um requisito essencial e deve ser obtida pelo segredo, sob a cobertura da escuridão;
- os homens devem saber como infiltrar-se na população local;
- o apoio de uma parcela ponderável da população é essencial;
- é necessária a existência de uma base de operações bem estabelecida e situada em área inacessível.

Obviamente, "inacessível" é uma palavra mal empregada, desde que a área é acessível aos guerrilheiros.

MÉTODOS CONVENCIONAIS

Face aos princípios anteriormente citados, não é necessário ser um gênio militar para concluir que a guerrilha constitui-se num problema para as forças terrestres, particularmente quando elas são empregadas em seu papel convencional. Infortunadamente, processos convencionais parecem ter sido os empregados usualmente pelos exércitos, no passado.

Em geral, contra as guerrilhas, duas têm sido as formas de emprego: a primeira é meramente defensiva e tem provado ser extremamente custosa em tempo e meios. A escolha do ponto a ser atacado é da alçada do guerrilheiro que tem, em consequência, ampla liberdade para planejar sua ação. Assim, todo possível objetivo deve ser guardado e podemos compreender porque, neste sistema, doze soldados — e talvez mais — são necessários para combater cada guerrilheiro. Este método, além de dispendioso, é ridiculamente fútil e deve ser abandonado. Outra forma de ação é tomar a ofensiva: a massa compacta de uma grande unidade progredindo com seus carros de combate, artilharia e viaturas, movendo-se contra os guerrilheiros, armados apenas com armas individuais, é igualmente ineficaz pois a tropa pode ser vista e ouvida a quilômetros de distância e a ausência de estradas, a presença de bosques, selvas e terreno inacessível frustram o ataque. Oculto na população local, o guerrilheiro tanto pode esconder sua arma e esperar a passagem da tropa, quanto retrair para locais inacessíveis à mesma, exceto pelo movimento lento e tedioso. Sem dúvida, o guerrilheiro aprecia a operação com fascinado enlévo e não pequeno sentimento de superioridade.

A falência dos métodos anteriormente descritos trouxe o nascimento da lenda de que um exército organizado não pode combater uma força de guerrilheiros e que a criação de um novo tipo de unidade era necessário, para cumprir com êxito tal missão.

Qual a forma de emprego dessas tropas especiais? Devem poder organizar guerrilhas em apoio à ação de determinadas unidades e também organizá-las para que lutem independentemente. Em algumas raras ocasiões, devem organizar forças de contraguerrilheiros mas, neste campo de operações, têm poucas probabilidades de êxito. O pouco sucesso neste tipo de combate pode ser atribuído a duas desvantagens principais: organizar guerrilhas onde já existam outras, hostis a nós e dificuldades no fornecimento de equipamentos e suprimentos. De qualquer forma, se conseguirmos nosso intento, o combate será travado entre as duas facções hostis, num relativo pé de igualdade.

Uma vez constatado que tôdas as medidas apresentadas têm suas desvantagens, qual será a resposta ao problema? Cremos que onde os fatores tempo e decisão são elementos essenciais, as forças convencionais ainda são a melhor solução mas, certamente, não pelo emprego dos métodos defensivos e ofensivos anteriormente praticados.

UMA NORMA DE AÇÃO

Examinemos uma outra norma de ação que reduz as vantagens do guerrilheiro e explora, ao máximo, as das tropas convencionais:

— no início de suas operações o guerrilheiro é fraco pois luta em unidades pequenas e dispersas. Ao contrário, as unidades convencionais estão disponíveis para uma ação imediata. Assim, as guerrilhas devem ser eliminadas tão logo surjam e tenhamos qualquer indício sobre sua forma de ação;

— o guerrilheiro, com sua tática de golpear e retirar-se, procura atacar unidades pequenas e isoladas, tendo a seu favor o fato de poder escolher o ponto a atingir. Por seu turno, as forças convencionais não podem, sem um dispêndio exagerado de efetivos, defender todos os locais passíveis de serem atacados. Em consequência, devemos guardar, apenas, um pequeno número de pontos críticos;

— sendo muito limitada a capacidade defensiva das guerrilhas, devemos aproveitar tôdas as oportunidades para eliminá-las através de uma ação rápida e constante;

— como a força do guerrilheiro vem de sua base de operações, esta deve ser destruída. Não devemos desgastar-nos lutando contra os bandos pequenos e esparsos que surjam pois estas ações são, apenas, subsidiárias do objetivo principal que é: localizar, cercar e destruir a base de operações dos guerrilheiros;

— o guerrilheiro não é um soldado treinado e disciplinado. Sua presença na guerrilha é motivada por uma combinação de patriotismo, interesse, desejo de segurança e bem-estar para si e sua família. Assim, nada melhor para arrefecer o zêlo do guerrilheiro pela causa, que um tratamento humano após sua captura. A população local não deve ser hostilizada, ainda que suspeitemos de que ela oculte guerrilheiros — estes, via de regra, são seus parentes ou amigos.

RESTRINGIR-SE AO ESSENCIAL

De que forma poderá um exército moderno cumprir os princípios anteriormente enumerados? Como lançar-se contra uma base de operações "inacessível", cercando-a e destruindo-a antes que seus ocupantes desapareçam? Este tem sido o principal problema de todos aqueles que combatem os guerrilheiros. Se confiarmos nos sucessos passados — ou na sua falta — teremos de admitir que nada pode ser feito. Resultado algum será obtido, enquanto insistirmos em lançar unidades normalmente constituídas, em ação. Para sobrepujar o guerrilheiro, é primordial que nos lancemos, sem piedade, contra seus pontos fortes, lutando da mesma maneira que eles. Ao mesmo tempo, devemos manter aquelas características essenciais das quais deriva a maior vantagem do soldado sobre o guerrilheiro.

Ao ser empregada numa campanha antiguerrilheira, a tropa deve desembarçar-se de seus canhões e blindados, deixando-os, contudo, em condições de serem utilizados em caso de necessidade. A partir do momento em que as viaturas de transporte dificultem o movimento, deve-se abandoná-las. O armamento deve restringir-se às armas individuais e alguns petrechos leves. Os meios de comunicações devem ser portáteis, com exceção, talvez, de alguns rádios de maior alcance. Alimentos e água devem ser transportados pelo próprio soldado. Aviões de observação e ligação devem ser mantidos pois são a chave do sucesso nas operações contra guerrilheiros.

Agora, soldado e guerrilheiro estão em pé de igualdade. As áreas "inacessíveis" não mais o são ao soldado; éste, é capaz de mover-se em segrêdo e de obter surprêsa, com as grandes vantagens do melhor treinamento e do apoio logístico. Suas necessidades tornaram-se menores, desde que seu equipamento pesado ficou para trás, e pode ser diretamente suprido pelos aviões leves os quais, ainda lhe possibilitam, em caso de necessidades, transporte para a retaguarda e rapidez de movimento.

A ação direta e vigorosa contra a base de operações dos guerrilheiros pode ser agora executada, com um mínimo de treinamento adicional.

ESQUEMA DAS OPERAÇÕES

A ação deve ser executada por patrulhas de combate, de efetivo variável, agindo em zonas de ação diferentes, sem prejuízo da ligação. Seu principal objetivo deve ser localizar, cercar e destruir a base de operações dos guerrilheiros ou, como um objetivo mais limitado, localizar e bloquear suas linhas de suprimentos. Este conjunto, base de operações — linhas de suprimento, é o calcanhar de Aquiles da guerrilha.

Grupos de guerrilheiros que se defrontem conosco devem ser atacados, quer pela patrulha que lhes faz face, quer pela convergência de várias patrulhas para a área, cortando sua retirada, cercando, capturando ou destruindo-os. Este objetivo, pôsto que secundário, pode apresentar duas vantagens: dar ao guerrilheiro uma prova tangível da superioridade da tropa convencional e fornecer informes quanto à provável localização das linhas de suprimentos ou base de operações.

A INFANTARIA LEVE PODE BATER OS GUERRILHEIROS

De que maneira? Quando o exército é convocado para lutar contra a infantaria leve (e não são as guerrilhas outra coisa que infantaria leve basicamente treinada), não tem outro recurso se não organizar e treinar a si mesmo como infantaria leve. Sômente quando isto houver sido feito pode-se enfrentar o guerrilheiro em seu próprio terreno e condições e utilizar as inúmeras vantagens do exército convencional. Então e sômente então, poder-se-á dar os passos necessários para erradicar das mentes militares a estranha crença de que soldados bem treinados, equi-

pados e liderados não são capazes de lutar contra uma horda de combatentes.

No esforço para conter a ameaça dos guerrilheiros nós estamos enfatizando a criação de forças especiais e escolas de contraguerrilhas. Sem dúvida, cada uma tem seu lugar e seus métodos próprios. Mas de uma coisa podemos estar certos: se desprezarmos a capacidade das forças convencionais para fazer face a sérias ameaças de guerrilheiros, quando o fator tempo é essencial e as unidades convencionais estão disponíveis, estaremos abrindo mão da mais natural, rápida e decisiva força.

Aquêles que julgam uma força convencional incapaz de reduzir seu tamanho, para patrulhas de combate que possam lutar independentes umas das outras, devem olhar melhor para nosso treinamento. Esta será, muito provavelmente, a maneira pela qual lutaremos na próxima guerra, seja contra guerrilheiros seja contra outras forças convencionais, empregando armas nucleares.

Um exército, por sua natureza, deve ser capaz de combater em qualquer tipo de guerra. É tempo de renovar a confiança em nosso exército e em suas imensas possibilidades. É tempo de reexaminar a ameaça dos guerrilheiros. De certa maneira eles são um inimigo difícil, mas para o infante bem treinado eles não são invencíveis. O mito precisa ser destruído.

NORMAS SÔBRE COLABORAÇÕES

- 1) Os trabalhos devem ser datilografados em um só lado de papel, espaço duplo, e assinados.
- 2) Os gráficos, croquis e outros desenhos que devam acompanhar o texto devem ser feitos a tinta nanquim e conter indicações que os identifiquem com aquele.
- 3) As traduções e quaisquer trabalhos baseados em outras publicações devem indicar as fontes de onde foram extraídos, bem como, quando fôr o caso, declaração de estar o colaborador autorizado ao aproveitamento dos mesmos.
- 4) A Revista não restitui originais de colaborações enviadas, quer sejam elas aproveitadas para publicação ou não. Também se exime de qualquer justificação sôbre o seu não aproveitamento.
- 5) Os artigos a serem publicados por partes, em diferentes números da Revista, só terão suas publicações iniciadas depois de estarem completos em poder da Redação.
- 8) As colaborações devem ser enviadas ao Diretor-Secretário.